

## QUE PODEMOS ESPERAR DAS ELEIÇÕES?

*Ernesto Martins*

O quadro que o PT representa atualmente no Estado do Rio (e não só neste Estado) dificilmente corresponde ao de um partido operário, mesmo levando em conta que não poderia ser revolucionário. Se no passado já se podia distinguir nitidamente um reforço da ideologia pequeno-burguesa e um predomínio físico de elementos da classe média, com a aproximação das eleições o Partido parece inundado e submerso por uma onda eleitoralista das mais primárias, que parece desmentir as suas origens e as premissas sob as quais foi fundado em consequência do movimento grevista no ABC, que irradiou pelo país afora. A situação foi visivelmente agravada pelas adesões de última hora de candidatos a cargos eletivos vindos de partidos burgueses, não dispostos e incapazes de seguir e defender o programa e os princípios do Partido, como foram elaborados nas primeiras convenções nacionais. A forte presença de uma ala direitista e oportunista e a inexperiência da liderança nacional fizeram com que esses representantes de uma política burguesa tradicional encontrassem uma acolhida fácil por parte de diretórios regionais, ansiosos em fortalecer as suas próprias posições.

Reavaliando essa situação criada, chegamos às seguintes conclusões:

- 1 - O quadro descrito dificulta, mas não impossibilita que o Partido cumpra o seu papel como organizador das massas trabalhadoras em escala nacional, como instrumento de aceleração do processo de formação de uma classe operária independente no país. Do Acre até o Rio Grande do Sul aglomera operários industriais, trabalhadores do campo e camadas proletarianizadas da pequena burguesia. A presença dessas classes trabalhadoras, que ainda não aprenderam fazer sentir o seu peso dentro das fileiras partidárias, representa um ponto de partida para uma futura volta às origens. Continuamos a ver no PT, na presente situação e para o futuro próximo, o instrumento necessário para uma mobilização política das massas trabalhadoras no país, sem a qual a nossa atuação se restringiria de novo ao campo de ação de um pequeno grupo clandestino. Rejeitamos, portanto as soluções propostas pelos "desiludidos e decepcionados" com o PT, que propõem a "alternativa" das oposições sindicais, concentração de atividades nas fábricas, etc. O que eles propõem é uma atividade que se limita à luta econômica. Esta alternativa, para comunistas é artificial e falsa. Luta econômica e política não são contraditórias e sim complementares e onde essa complementação não se deu ainda é a nossa tarefa contribuir para que se dê. Somente dessa maneira o proletariado brasileiro aprenderá a andar pelos próprios pés.
- 2 - Não desconhecemos as dificuldades criadas e as barreiras erguidas no próprio Partido para seguirmos esse caminho, mas ao mesmo tempo é a própria campanha eleitoral, que oferece as melhores possibilidades para mudar as relações de força na vida partidária. Muito depende da maneira de como essa campanha seja aproveitada como instrumento político para a formação e consolidação de uma consciência de classe fora e dentro do Partido. O fato de nós termos podido impor uma série de candidaturas conscientes, representantes da classe operária e de posições proletárias, abre a possibilidade não só de uma ação consequente para fora, como também de influir diretamente sobre a composição social do próprio PT. Condição para isso é que saibamos evitar a dispersão de nossas forças e que concentremos nossas atividades no proletariado industrial (e trabalhadores em geral), dando à campanha eleitoral um caráter de classe, aproveitando-a para a organização dessas camadas, preferencialmente no próprio Partido, como núcleos de base, nos quais nós nos possamos apoiar em futuras lutas internas. Levaremos a luta eleitoral adiante com o intuito de conquistar a vitória de determinados candidatos, embora não todos que apoiamos tenham essa perspectiva. (Temos de ficar com os pés na terra e não perder o

senso de realidade). Mas o que importa agora é a qualidade da campanha eleitoral, que tem que ser travada numa faixa mais ampla possível no seio da classe.

- 3 - Dissemos que a situação criada no PT dificulta, mas não impossibilita essa atuação exposta acima. Mas, temos de inserir aqui uma autocrítica de erros cometidos por nós no passado, para que não venham a prejudicar novamente a nossa militância no futuro. Não soubemos até hoje desenrolar uma atividade consciente e sistemática no meio do PT. A única região onde se deu isso em parte e onde foi criado um embrional para um trabalho de base, é Caxias. Na região metropolitana do Rio, todas as tentativas desse sentido falharam ou ficaram no meio do caminho.

Desde o início tínhamos decidido desenvolver no seio do PT uma tática que a distinguísse qualitativamente da atuação da chamada "esquerda organizada", isto é dos agrupamentos sectários e oportunistas (freqüentemente ambos), que lutam por posições na cúpula, à base de conchavos e demais manobras escusas. Decidimos igualmente não nos dirigirmos aos militantes e membros do PT como uma organização no seu meio, mas divulgar nossas posições por porta-vozes de núcleos (em internúcleos) como uma facção não declarada, que defenda posições proletárias contra uma maioria de ativistas pequeno-burgueses. Mas para poder realizar essa tática era preciso de um trabalho de base, da criação e politização de núcleos operários. Nesse terreno falhamos. Não tivemos o fôlego necessário.

Embora essa fosse a nossa falha mais grave, há outras que contribuíram para restringir o nosso espaço de atuação no seio do PT, mesmo a base das relações de força existentes. Em primeiro lugar destaca-se aqui a nossa incapacidade passada de atuar coordenadamente nas convenções, p. ex. Há três convenções seguidas, as coordenações dos nossos delegados não funcionam, não promovendo intervenções sistemáticas dos nossos delegados em situações sempre sujeitas às mudanças. Nas duas últimas Convenções praticamente não houve oradores nossos na plenária. No passado foi geralmente um e sempre o mesmo companheiro, que intervia e isso lhe valeu um certo desgaste. Mas a falta de qualquer outro orador faz com que não consigamos expor as nossas posições. Impede igualmente que criemos lideranças locais mais expressivas dentro do PT, que se tornem um ponto de referência para agrupamentos e militantes descontentes, que existem de sobra.

Em segundo lugar (mas estreitamente ligado ao problema anterior) sofremos um certo isolamento dentro do PT, que se manifesta pela falta de informações. Dessa maneira ignoramos quase sempre – pelo menos na região metropolitana – as recomposições e cisões, que se produzem no interior do Partido e ficamos incapacitados de aproveitá-las. Esse isolamento, se bem que não seja consciente, não deixa de ser voluntário e tem que ser superado, se pretendemos mobilizar forças aliadas naturais nossas na campanha eleitoral.

- 4 - Dissemos também que a campanha eleitoral abre a perspectiva de mudança nas relações de força dentro do Partido. Ela cria a possibilidade de acesso a novos setores do proletariado, que despertará para a luta política e uma tarefa fundamental é integrá-los nas fileiras do Partido em torno de uma liderança política dos nossos candidatos. Só poderemos aproveitar essa campanha, entretanto, se a travarmos cm métodos adequados, isto é, com os métodos com que tradicionalmente vanguardas revolucionárias se dirigem à classe em tempo de eleições. Posto numa fórmula a mais simples possível, devemos ter em mente:
  - a) evitar uma campanha eleitoralista a base de promessas;
  - b) concentrar a nossa atuação na classe operária industrial, nos trabalhadores rurais e em camadas da pequena burguesia assalariada, que se mostrem propícias a acompanhar a luta operária;
  - c) denunciar perante os trabalhadores o caráter de classe de nossa sociedade e despertar a compreensão do papel do operário e do trabalhador rural como criadores da riqueza, que sustentam toda a hierarquia da sociedade capitalista;

- d) denunciar perante os trabalhadores o caráter das instituições políticas da sociedade burguesa, como dos órgãos legislativos, executivo e judiciário. Deixar claro a diferença existente entre a constituição escrita e de fato (poder econômico, FFAA, etc.);
- e) Deixar claro que as eleições, mesmo as mais “democráticas” nesta sociedade não representam soluções para os problemas que afligem os trabalhadores. Eleições tem que ser vistas como meio de luta. Representam um momento da luta pela defesa dos direitos dos trabalhadores contra a sociedade exploradora, luta que terá de ser continuada depois das eleições;
- f) Pretendemos reforçar essa luta, mandando representantes da classe operária para os órgãos legislativo, para que denunciem os métodos de governo e de administração dos patrões e levantem as legítimas reivindicações de classe operária. Os nossos representantes, entretanto falarão sozinhos, como pregadores no deserto, nos recintos dos congressos, das assembleias Estaduais e Municipais, se não forem apoiados de fora, pelas massas que os elegeram. Os nossos representantes nos órgão legislativos só serão eficientes como porta-vozes de uma massa, que exerce pressão. E para que a massa consiga exercer pressão, ela tem que organizar-se.

O apelo à organização da classe deve representar o alfa e o ômega de toda a nossa campanha eleitoral. Desse ponto de vista, a nossa campanha deve ser simultaneamente uma vasta campanha de filiação e de formação de núcleos proletários em torno dos nossos candidatos e em contato permanente com eles.

Na medida em que conseguirmos isso, estaremos mudando as relações de forças no próprio Partido, pois os candidatos direitistas e carreiristas dificilmente quererão perder tempo com esses problemas. Vão se limitar à caça imediatista de votos. Ao mesmo tempo contribuiremos de fato para uma mudança qualitativa do comportamento da classe operária do Estado.

Nessa linha de conduta não devemos nos deixar perturbar pelas limitações do Partido e da direção regional. O oportunismo da direita nos garantirá essa liberdade. É de se prever também que depois da campanha eleitoral muitos dos candidatos de última hora deixarão novamente o Partido. Eleitos ou não – e a maioria não será eleita – procurarão outras faixas de atuação para os seus desígnios imediatistas.

Em termos, a solução mais favorável para nós seria podermos dedicar um mínimo de energia a situação interna do Partido e concentrar o nosso esforço global para a atuação externa. Devemos, evidentemente, denunciar o oportunismo que a direita revelará no decorrer da campanha eleitoral, mas não é interessante procurar um confronto na presente situação. O confronto nós o procuraremos na medida em que as relações de forças nos sejam favoráveis. E isso dependerá em grande parte da nossa atuação na campanha eleitoral.

*(Rio, Boletim Interno Nº 27, Junho de 1982)*